

Economia cresce 3,6% em 89 e média da década é de 2,9%

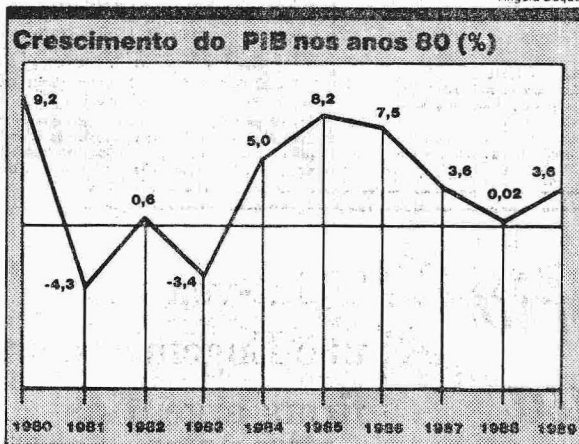
A economia brasileira cresceu 3,6% em 1989, exibindo alguma recuperação depois dos 0,02% de 1988. O resultado foi anunciado ontem pelo IBGE, ao divulgar a taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), que mede a produção de bens e serviços no país. Em 1989 também houve um crescimento de 1,5% na renda real *per capita* — a divisão do valor da produção pelo número de habitantes —, que em 1988 havia caído 2%. O PIB ficou um pouco acima do que se esperava no início do ano passado, quando órgãos do governo chegaram a prever uma pequena recessão.

O presidente do IBGE, Charles Mueller, atribuiu o melhor desempenho da economia brasileira ano passado ao impacto do Plano Verão, que com o congelamento de preços levou ao aumento do consumo, maiores encomendas do comércio à indústria no segundo trimestre e, em consequência, um maior impulso à produção industrial, que cresceu 3,87%, juntando os serviços de utilidade pública, como energia. A agropecuária cresceu 2,21%, impulsionada pelos 3,45% nas lavouras, enquanto nos serviços a taxa foi de 3,74%, com 18,9% nas comunicações e 2,91% no comércio.

Os dados do IBGE foram utilizados pelo Banco Central para calcular o valor do PIB em dólar americano junto com a renda *per capita* para balizar futuras negociações na área externa. Comparando com o ano de 1985, quando a variação cambial foi considerada normal (sem atrasos em desvalorizações, como em 1989), o BC fixou em US\$ 303,4 bilhões o valor da produção de bens e serviços no país no ano passado contra US\$ 279,4 bilhões em 1988.

A renda por habitante passou de US\$ 1.935,16 para US\$ 2.058,64, de um ano para o outro. Nas contas do BC, dividindo o Produto *per capita* pelo salário-mínimo, o quadro não é bom: a renda correspondia a 42,32 salários em 1987, passou para 41,47 salários em 1988 e chegou ao ano passado com 40,77 salários.

Com os 3,6% do ano passado, a taxa média anual



de crescimento do PIB nos anos 80 foi de apenas 2,9%, contra 8,8% nos anos 70. Na comparação entre governos, no período Figueiredo a taxa média chegou a 2,0% — com a recessão de 1981 a 1983 —, enquanto no período Sarney chegou a 4,67%. Charles Mueller acredita que o crescimento econômico em 12 meses, ao final de março, será maior que 3,6%.

☐ Se o pacto que for negociado com o futuro governo e os trabalhadores embutir uma cláusula que garanta a estabilidade de emprego, as indústrias paulistas — “que são absolutamente contra a ideia” — poderão fechar suas portas e “abrir imediatamente outras, com o número de funcionários que considerarem conveniente para funcionar”. A ameaça foi feita ontem pelo diretor da do Departamento de Economia da Fiesp, Sérgio Bergamini. Segundo ele, o indicador do nível de atividades da indústria paulista registrou crescimento de 6,2% em janeiro, número que seria alentador não fosse medido contra um mês fraco do ano passado, quando foi editado o Plano Verão.